

DISCURSO
SOBRE AS UTILIDADES DO DESENHO,
DEDICADO
À RAINHA N. SENHORA

POR SEU AUTOR
JOAQUIM MACHADO DE CASTRO,
*Professo na Ordem de Christo, Escultor da Casa Real,
e Obras publicas, e Correspondente da Academia
Real das Sciencias, de Lisboa.*

RECITADO PELO MESMO PROFESSOR
NA CASA PIA DO CASTELLO DE S. JORGE DE LISBOA
Na presença da maior parte da Corte, e Nobreza,
em 24 de Dezembro de 1787, dia oitavo
daquelle em que faz Annos

SUA Magestade Fidelissima.

*Citoyens ne soyez point des ingrats. Quand j'écris ce
que l'antour du bien m'inspire songez moins à mon
style qu' à mes vues.*

Mr. De Rozoi. Essai Philosoph. pag. 49.

SEGUNDA IMPRESSÃO CORRECTA, E RETOCADA.



L I S B O A,
NA OFFIC. DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS.

ANNO M. DCCC. XVIII.

Com licença de SUA Magestade.

S E N H O R A.

O *Celebre Architecto Dinocrates, vindo que não podia conseguir ser apresentado ao Grande Alexandre, para lhe expôr hum projecto notavel, que concebêra na idéa, se valeo da industria*

de se adornar de modo exquisito, para que vendo-o de longe o Monarcha, a especção d' hum Ente, na apparencia novo, lhe excitasse o appetite de querer conhecê-lo.

Eu, seguindo este systema, sendo hum mero Artista, visto agora as apparencias de Litterato para chegar aos pés do Throno com hum projecto ainda maior que o de Dinocrates.

Aquelle, sendo Architecto, propoz ao Soberano fazer huma Estatua de tal grandeza, que em huma de suas mãos se fundasse huma Cidade: eu, sendo Estatuario, proponho a V. MAGESTADE hum Edificio vivente, cujas preciosidades se veção em todo este Reino, e seus vastos Dominios. Edificio tanto mais estimavel que a Estatua de Dinocrates, quanto he de maior valor a instrucção do espirito, do que o ser que em si contém as producções materiaes.

Para este Edificio, tenho no seguinte Discurso lavrado a primeira pedra: curvado pois com o seu pêso, e ainda mais com o profundo respeito, me prostro
hu-

*humildemente aos pés do Throno Augusto ,
offerecendo a V. MAGESTADE este esfor-
ço do meu engenho.*

*Reconheço não ser a offerta digna ,
pela construcção , e desalinbo com que
se acha fabricada ; porém como o seu
objecto he augmentar os interesses , e a
gloria da Nação Portugueza , estas cir-
cunstanCIAS lhe fazem merecer as atten-
ções , que não devéra conseguir pelo seu
artificio.*

*O Zeloso Ministro de quem V.
MAGESTADE tem confiado a Intendencia
Geral da Policia dos seus Reinos , pro-
movendo não só os novos exercicios do
Desenho pelo Natural , quer tambem pu-
blicar as suas utilidades por mcio desta
impressão : Elle me incumbio discorrer
sobre este assumpto ; Elle me conduz
aos Reaes Pés de V. MAGESTADE a of-
ferecer este voluntario tributo da mi-
nha obrigação.*

*V. MAGESTADE me tem feito a hon-
ra de empregar-me no Seu Real Serviço ;
e conbecendo eu quanto devo esmerar-me
no desempenho do meu emprego , na Casa
da*

da Escultura das Obras Publicas occupo os dias, exercitando a minha Arte pessoalmente, sempre que mo permitem os embarços da mesma Casa; e dirigindo os Operarios e Discipulos, que alli se empregão nas Estatuas e mais obras de Escultura, que V. Magestade manda executar.

Das horas pois, AUGUSTISSIMA SENHORA, que me são permittidas para repouso, emprégo as que posso em estudar a theoria da minha profissão, para melhor conseguir huma practica bem regulada.

O principal objecto dos meus cuidados, e destes particulares estudos, he servir a V. Magestade o melhor que me fôr possível, e concorrer com as minhas poucas forças para a utilidade publica.

O seguinte Discurso he fructo destas applicações; e posto que lhe faltem as bellezas que nelle espalbaria hum bom Orador de profissão, vai cheio dos cordeaes affectos com que hum Vassallo fiel contempla, venera, e respeita huma

ma SOBERANA de tantas virtudes, quantas o Ceo infundio em V. Magestade.

Com estes puros affectos, com estas sinceras intenções, AUGUSTISSIMA SENHORA, me prostro com a mais profunda humildade no pavimento do Solio Augusto, deixando aos Reaes Pés de V. Magestade esta offerta, que sendo pequena por ser obra minha, não deixa de ser muito grande pelos desejos de que he acompanhada.

Sirva-se V. Magestade de aceitá-la, como signal do meu zelo, da minha fidelidade, e daquelle filial amor em que os leaes Portuguezes se inflammão pelos seus Augustos Soberanos.

Joaquim Machado de Castro:

PRO-

P R O L O G O .

MUITAS, e publicas são as provas que do seu Patriotismo tem dado o Ill.^{mo} Intendente Geral da Policia destes Reinos, Diogo Ignacio de Pina Manique.

Huma daquellas em que a Patria lhe deve não pequena obrigação, he o utilissimo estabelecimento da Casa Pia; na qual para regular, e aproveitar a mocidade desordenada, e desamparada, erigio varias escolas civís, e môraes; e entre ellas huma Aula de Desenho.

Conhecendo os proveitos deste exercicio, sêguiu-se affeiçoar-se delle; e sabendo que Portugal, entre as Potencias civilisadas era a que unicamente carecia de huma Aula onde se desenhasse pela Natureza núa, se de-

deliberou a fundar huma Sociedade para este fim ; e teve o zelo de ir pessoalmente buscar os Artistas que julgou poderião regular estes estudos, e convidá-los para Directores.

Não parou aqui o seu desvêlo: em quanto se preparava Casa para este Congresso, sacrificou a da sua propria residencia a ser o primeiro Seminario deste estudo. ; Quem lhe disputará a gloria de ser o primeiro Magistrado Portuguez que se deliberou a esta empreza, e por este modo? As Artes do Desenho lha farão immortal!

Em quanto na sua Casa se fizeram estes exercicios, elle mesmo assistio todas as noutes, tratando, e brindando os applicados com affabilidade, e familiaridade não vulgar em pessoas da sua graduação; mas de que nos outros Reinos acharia exemplos; até nos mais poderosos Sceptros; como heide mostrar em as Notas deste *Discurso*.

O fervor que o mesmo respeitavel Ministro deseja espalhar em toda a Nação Portugueza para tudo o que he proveitoso ao Estado, o induzio a querer que em público se ouvissem as utilidades que nascem das applicações ao Desenho; destinando huma Sessão Academica, a que assistisse a Corte, e Nobreza, na qual se ponderassem algumas circumstancias das Artes annexas ao Desenho; e onde se visse em pratica desenhar pelo Natural.

E como se devesse fazer algum Discurso sobre este objecto, julgando que devia ser Artista o que houvesse de fallar, me fez a honra de eleger-me para tão ardua empreza; a que fiz alguma resistencia, por me faltarem das Letras os estudos precisos, para fallar a hum Auditorio de tanta circumspecção por todos os motivos.

No exordio do mesmo Discurso declaro as principaes causas de submet-

metter-me a pêsso desproporcionado ás minhas forças: e além dessas razões, para dá-lo ao prélo, conduz-me a obediencia, e alenta-me a certeza de que sobre o assumpto ainda em Portugal se não imprimio nem huma só palavra.

Sei muito bem que se não produz obra alguma (e em particular em materias de gosto) que possa avisinhar-se á perfeição, sem que seu Autor possua toda a extenção theorica da faculdade a que a obra pertence; juntando a estes conhecimentos continuado exercicio em praticá-los.

Sendo isto certo, ¿ que acolhimento pòderá encontrar a obra que exponho ao Público, não sendo eu Professor de Rhetorica, nem exercitando as poucas, e tenuissimas luzes que della tenho?

Porém não espero que os Sábios olhem para este papel do ponto de vista correspondente á Eloquencia;

cia ; mas sim do lado que pertence ao Desenho.

O que porém nunca me poderia vir á idéa , he , que mesmo entre os Artistas haja quem me crimine o des-
embaraço , especialmente attendendo
ao motivo que se allega. Pessoas de
credito me dizem haver Professor de
Desenho , que sem ver , nem ouvir
lêr este papel já me satirizava ; di-
zendo , que *dos Artistas unicamente se
querem as obras materiaes , ou manuaes* :
condemnando-me igualmente amar os
versos.

Extravagante capricho ! Esta sen-
tença , prejudica mais quem a profe-
re , que o censurado contra quem se
fulmina ; pois mostra com evidencia
não ter o calumniador lido Vitru-
vio , nem outros muitos Artistas que
tem escrito com tanto applauso , e
proveito destas Artes.

¿ Não sabe que os Artistas Gre-
gos escrevêrão das suas profissões ?
¿ Ignora , por ventura , o grande nu-
me-

mero de Artistas que desde Vitruvio até nossos tempos tambem tem escrito destas Artes em verso , e prosa ? ; E que quasi todos recomendão a lição dos Poetas ?

; Ora qual será o Artista que nesta lição se não accenda para fazer tambem o seu verso ? Se não participar daquelle fogo delicioso ; se não se embriagar naquelle nectar Divino (por assim dizer em frase Poetica) dará provas de faltar-lhe o enthusiasmo ; as suas producções nunca serão Poeticas ; todas apparecerão borrifadas de gêlo.

Mr. Coypel, Pintor que escreveu da sua Arte em verso e prosa , diz que o conselho, e approvação de *Mr. Despreaux*, o induzirão a publicar os seus escritos. Eu tenho a gloria innocente de poder dizer o mesmo que diz *Coypel*. Pessoa de Litteratura não menor que a de *Boileau*, e de caracter muito maior, me tem feito iguaes persuasões ; e de varios Sabios mais, sin-

ceros e bem morigerados, tenha recebido semelhantes favores. Se o meu Critico o duvidar, queira averiguar o ponto, mostrar-lhe-hei documentos que o certifiquem.

Em fim, sem ter visto, como já disse, o Discurso de que se trata, assentou em que seria *irrisoria*: mas segurando-lhe não ser totalmente feixe de tojo, respondeo que *a ser assim, talvez fosse obra d' algum amigo meu.*

Enganou-se: e não he de admirar, pensando de tal modo. Consultei, com effeito alguns Amigos que sobre o Desenho, Eloquencia, e outras circumstancias me poderiam dizer alguma cousa; risquei algumas que me advertirão; porém na peça não se acha huma idéa, hum pensamento, ou huma expressão de talento alheio: e por isso não tem o valor que teria se fosse retocada com penna mais habil: porém assim mesmo o quero, persuadido que me não enriquecem

nada os cabedaes que não possuo; e por esta causa, nas obras que der por minhas, ninguém poderá com verdade accusar-me de Plagiario, seja escrevendo, esculpindo, ou desenhando.

Criticar desta sorte, qualquer o pôde fazer; isto procede de varias causas pouco occultas, mas não quero eu ser quem lhe especule a origem.

Creio (e sinceramente o confesso em publico) que em materia de Eloquencia terá muitas faltas o Discurso mencionado; mas no que respeita ao seu assumpto, segui a Natureza, a Razão, e os melhores Mestres destas Artes.

Algumas pessoas o terão notado de extenso. Eu mesmo não dei de fazer este reparo; e quiz tirar-lhe algumas amplificações para resumilo mais: porém hum sujeito intelligente me dissuadio disto, dizendo-me que *em huma Assembléa onde não*

ba

há muito em que se empregue o tempo, nem se recitão outros discursos, não he grande aquelle em que se emprega huma hora: pareceo-me racionavel a ponderação, especialmente sendo a materia tão nova, que he a primeira vez que se trata neste Reino.

Não foi composto para recitar-se no dia em que se ouviu; nem para fazer commemoração de hum tão alto objecto, qual he o Anniversario dos felices Annos de SUA MAJESTADE, declarando-se-me estas circumstancias mui poucos dias antes daquelle em que devia recitar-se. ; É se para hum Orador de profissão seria hum empenho escabroso preparar com tanta presteza cunho differente, que será para hum Artista, falto deste exercicio, e que das suas obrigações não tem de dia nem huma hora livre?

No fim do Discurso remediei, como foi possivel aos meus limitados talentos, fazendo aos Artistas

B

aquel-

aquella falla allusiva ao Grupo de figuras vivas, que havião de servir (como com effeito servirão) ao *Acto* de se desenhar : cuja composição ideei, destinando-a a celebrar o fausto Anniversario Natalicio da nossa Amabilissima Soberana.

A principal figura deste Grupo, he a *Virtude*; não representada em Hercules: mas (como mais propria para este caso) em huma Heroica Matrona com azas, coroada de louro, armada de lança na mão direita; e com a esquerda elevada segurando huma resplandecente Cifra, composta das principaes letras do Augusto Nome de SUA MAGESTADE.

Esta figura, com o pé direito piza outra que representa o *Tempo*, atropelado a seus pés: e os Genios das tres Artes, *Pintura*, *Escultura*, e *Arquitectura*, como Agentes da *Virtude* concorrem a impossibilitar o *Tempo* de poder attentar ao sublime objecto indicado naquella brilhante Cifra.

A *Escultura* quebra a fouce ao carrancudo *Tempo*. A *Arquitectura* mostra opprimi-lo com o seu joelho esquerdo sobre a coxa do mesmo velho audaz; cujos pés se observão ligados pela *Pintura*.

Assim como estou certo de me não livrar de censuras, tambem fico persuadido, que os verdadeiros, e imparciaes Patriotas não deixarão de louvar (se não as obras) as intenções, e o zelo que as produzirão.

Desejo-vos felicidades.

*Si fuera verguença hablar,
sepan todos que mas culpa
fuera el daño d'el callar.*

Boscan. Lib. i. pag. 24.

DISCURSO
SOBRE AS UTILIDADES
DO
DESENHO.

Não he esta a primeira vez, que o Amor obriga a fazer hum sacrificio penoso. Illustrissimos, Excellentissimos, e Sapientissimos Senhores: Amados, e instruidos Collegas: Congresso luzido, e respeitavel.

Não he esta a primeira vez, que o Amor constringe a hum penoso sacrificio.

Este Agente, de actividade summa, que tudo humanamente póde, tem muitas vezes transformado as espadas em raios destruidores, as penas em luzes brilhantes, e o ocio somnolento em sollicitas vigalias.

Quem

¿ Quem conduzio os Heroes da Guerra a encarar a morte rosto a rosto, já nos theatros de Marte rompendo soberbas falanges, já desafiando Neptuno

Por mares nunca d'antes navegados?

¿ Quem inflammou esses espiritos sublimes, para que no vasto Imperio das Sciencias e Artes, á custa das maiores fadigas, das mais profundas e assiduas meditações, das mais escrupulosas e reiteradas experiencias, atenuassem as proprias forças, e até arriscassem a mesma vida, para bem desempenhar as producções preciosas de seus felices engenhos?

O amor á Virtude, o amor a seus Principes, o amor á Patria, o amor á Humanidade, e tambem o amor da propria Gloria, tem produzi-
do

(*) Cam. Lusiad. cant. I. Est. I.

do as immensas maravilhas, que illustrão o Orbe politico, e civil, com os fructos de tão duros trabalhos.

Hoje tambem o amor á Virtude, o amor... o reverente, e obsequioso amor justamente devido á nossa Augusta Soberana, o amor á Patria, e o amor ás Bellas Artes me conduzem ao sacrificio em que me vejo. Sacrificio assás violento; sacrificio de afflicção, e de receio; sacrificio em fim que faz tremer o espirito, contemplando as elevadas qualidades de tão distincto Auditorio, a indigencia dos meus debeis talentos, e a certeza de que em qualquer dos meus estimaveis Collegas se acha hum Artista instruido a fundamento da materia que devo tratar, e em que discorreria cada hum delles com mais copiosa erudição, mais substancial eloquencia, e mais efficaz energia.

Porém como venho ser victima do virtuoso amor, que deixo ponderado, e os seus impulsos forão mais
po-

poderosos que a minha repugnancia; juntando a este honroso motivo a modesta condescendencia com o respeitavel Magistrado, que tanto se disvella pela felicidade, e pela gloria da Nação Portugueza; a justiça, que descubro nestas reflexões, me socego o escrupulo de parecer temerario, e me persuadio, que terão benigna desculpa as mal ordenadas expressões com que pertendo mostrar

Primeiro,

Serem a pratica, e conhecimentos do Desenho, muito uteis, e precisos em todo o estado Civil,

Segundo,

Que para tirar-se verdadeira utilidade nestas applicações, devem ser dirigidas com bom gosto, na imitação da Natureza.

E como nos preclaros dotes, e
vir-

virtudes sublimes deste conspicuo Auditorio tambem devo esperar benignidade para dar-me attenção, passo a discorrer no proposto assumpto.

Muitos seculos ha, que os homens desfructão as vantagens, que lhes tem accumulado a faculdade grafica, ou *Delineação*. Dizem que os Egypcios forão os primeiros que participárão destes interesses; acautelando a confusão, que as enchentes do Nilo causavão em seus terrenos; e conservando suas Sciencias, e cousas memoraveis em mysteriosos Jeroglyphicos.

Do Egypto passou o estudo do Desenho á Grecia; e desta ao Lacio, onde se conservou, até que as irrupções dos Barbaros pozerão tudo em desordem; ficando porém entre as cinzas algumas pequenas, e amortecidas brazas, que nos fins do seculo XIII. principiárão de novo a luzir, e tomar pouco a pouco forças
no-

novas , espalhando seus resplandores de sorte que hoje não ha Nação alguma polida , que não busque anciosamente estabelecer Aulas , e Academias das Artes do Desenho.

Este desvélo , como não he hum immediato effeito do luxo , mas sim hum delectavel fomento da cultura civil ; não se pratica unicamente com tanto empenho nas antigas , e ópulentas Cortes : a mais moderna de todas na civilidade , as Republicas mais pequenas , as Provincias menos pingues , todas cuidão nos progressos do Desenho ; todas fazem despezas grandes para que fructifique esta escolhida semente.

¿ E quem haverá que se persuade , que tão diversos Povos polidos , onde ha tantos homens profundos nas Sciencias , e na Politica , todos conspirem mutuamente para taes estabelecimentos , sem outro motivo mais que hum vão capricho da moda ?

Não , Senhores ; o motivo he soli-

lido, he interessante. A experiencia tem mostrado, a meditação tem desenvolvido as utilidades que destes estudos resultão ao civil, e até mesmo ao economico!

Para mostrar pois com individuação estas utilidades, permitta-se-me huma paridade, que verse em geral neste Discurso, comparando o Desenho a huma frondosa arvore, cujos vigorosos ramos, viçosas folhas, e salutiferos fructos se espalhão em beneficio de todas as Siencia, e Artes (*).

As-

(*) Poucos mezes antes de compor, e recitar este Discurso, visitando por obsequio o Ex.^{mo} Sñr. Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes, (a quem fui muito devedor) aconteceu achar-se com elle outra personagem da sua maior intimidade, e confiança; a qual na occasião em que se executou a Estatua Equestre se achava fóra deste Reino; por cuja causa disse o Sñr. Marquez ao seu amigo: *Que te parece o que se praticou com este pobre homem, que sendo o principal Autor da Estatua Equestre, ao Fundidor he que premiárão, e o Autor (póde-se dizer) ficou sem*

Aspera parece a decisão ; porém veremos se achamos para seu apoio algumas provas.

Das instrucções desta faculdade absolutamente depende o conhecer da configuração , e belleza de todos os corpos , e ainda de muitas cousas puramente espirituaes , ou intellectuaes , quando estas se querem expôr aos sentidos em imagens sensivcis : e eis aqui

nada ? Convenho , respondeo o outro , em que não foi o Escultor attendido como deveria ser ; mas o emprego de Fundidor he relativo ás Sciencias. O responder a este fanatismo , e falta de conhecimentos , he que me induzio a escrever o que se expõe no Texto , vindo-me á noticia que a dita Personagem me havia de ouvir na Sessão em que recitei este Discurso , para desenganá-lo de que a Escultura exige muito mais vastos estudos que a Fusoria. Depois que aconteceu esta anecdota , he que o Intendente Manique se determinou a fazer se celebrasse a dita Sessão Academica no Castello de S. Jorge ; e elegendo-me o dito Magistrado para Orador della , tive toda a satisfação de poder desenganar presencialmente aquelle Fidalgo , que já não existe hoje.

aqui o que faz tão extensa a decisão, que á primeira vista parece affectada.

Na Mathematica estende o Desenho hum de seus ramos, onde tem não pequena parte; pois que a Geometria, a Optica, a Prespectiva, e outras se aprendem, e practição com figuras delineadas.

; E se com esta Sciencia sublime tem tanta união, quem lha poderá negar com a Physica, e Historia Natural, considerando a individual applicação que fazem tão formosas Irmãs, sobre objectos, que a imitação do Desenho mais facilmente familiariza; e sem cujo soccorro se não poderião conhecer, nem estudar-lhes os seus predicados sem hum descommodo inexplicavel?

Do ramo que tão frondosa arvore espalha na Medicina, colhe esta defensora da Humanidade proveitosissimos fructos: mas não seja eu quem os indique; digão-o os que escre-

crevêrão da Anatomia, e da Botânica. Digão, digão esses os auxilios que achárão no Desenho, para promulgar as suas doutrinas, e ainda mesmo quando as estudárão.

Se contemplo a Geographia, aqui me descobre o Desenho hum theatro tão amplo como o Mundo inteiro! ; Que ramo não he este, Senhores, de tão fecunda arvore! ; Não he prodigio da *Delincação* ver no pequeno espaço de huma folha de papel, todo o Mar com suas ilhas, cachopos, e baixos? Toda a Terra, com a divisão de tão diversos Reinos, e Provincias? As Cidades, os Rios, as Villas? Estar hum homem sentado no seu gabinete com o seu amigo, e dizer-lhe, apontando com o dedo: Aqui venceo o grande Affonso a prodigiosa batalha, que deo principio á gloria Portugueza. Alli derramou Alexandre lagrimas, vendo morto seu contendor Dario. Acolá he o campo de Cannas, onde Annibal derrotan-

dõ

do Varro , e Emilio , regou as palmas do seu triumpho com o sangue da Nobreza Romana. Por esta róta descobrio Colombo hum Mundo incognito ! Aquella he a que Magalhães seguio , quando circumdou o Globo. Eis-aqui o rumo por onde o Gama foi tocar a meta onde não chegou hum Agostinho , vendo

. *as Ursas a pezar de Juno*
Banharem-se nas aguas de Neptuno. ()*

¿ Não he isto prodigio ? E destes conhecimentos Geographicos , a que tanto concorre o Desenho , que utilidades não tirão os Povos para o Commercio , para a Milicia , e para tecer a Historia ?

A formosura , e exacção desta efficaz Mestra moral , ¿ não depende (segundo o bom criterio) de que o Historiador , antes de entrar a delinear o seu quadro narrativo , tenha perfeito

(*) Cam. Lus. Can. 5. Est. 15.

to conhecimento das Estatuas , dos idolos , dos baixos-relevos , das moedas , do modo de edificar segundo as épocas , e ordem Chronologica? Nenhuma destas cousas se póde conhecer bem , sem conhecer bem o Desenho.

Na Jurisprudencia não fallo ; contentando-me com dizer , que os motivos indicados por Vitruvio (*) para pertender que os Architectos a saibão , são os mesmos , e ainda outros mais , que devem induzir o Jurisconsulto a ter das Bellas Artes conhecimentos sufficientes , para que em mil questões que póde haver tocantes ao Desenho , possa com sabedoria ser competente Juiz , ou vigoroso Patrono.

Pelo que não he de pequena importancia que as pessoas dedicadas ás Sciencias , tenham solidos , e claros

CO-

(*) Virr. Livr. I., Cap. I.

conhecimentos do Desenho ; pois que de faltarem a varios sabios estas luzes , tem nascido (e podem seguir-se) varios inconvenientes. (*).

Sendo pois o Desenho de tanta utilidade para os Professores das Sciencias , e que proveitos , que interesses não resultão d'elle ás Artes , e a todas as manufacturas ? Estas qualidades o fazem (como disse) preciso em qualquer Estado onde ha civilidade.

A Pintura , Escultura , e Architectura , são as depositarias dos copiosos fructos destes ramos. Ellas os

C

pro-

(*) Póde haver quem diga , que em qualquer Professor desta , ou daquella Sciencia , se vendo em casos que precise fallar , ou julgar a respeito do *Desenho* , e faltando-lhe cabal instrucção d'elle , a pode supprir informando-se com os seus Astistas : mas quem na balança da razão péza fielmente as deliberações que procedem da informação , com as que nascem do proprio , e sólido conhecimento , acha huma differença consideravel : o mesmo digo dos Artistas.

prodigalizão a todas as Artes subalternas, e aos mesmos officios fabris: quanto mais a fundo, e com maior profusão derramarem o succo destes fructos, e com quanta maior sêde o gostarem aquelles que precisamente devem nutrir-se delle, tanto melhores serão as producções de seus respectivos empregos. Isto he innegavel; sendo evidente que o Desenho he o vivificador das Artes.

¿ E não he por ventura manifesto a todos, que da perfeição das manufacturas pende a sua copiosa extracção? A Natureza, íntima amiga do bello, a todos move, a todos excita para buscar o mais perfeito.

¿ E de que procede esta perfeição em todo o genero de artefactos das outras Nações? ¿ Serão os Italianos, os Francezes mais homens que os Portuguezes? ¿ Serão seus corpos de outra massa, suas almas alguns espiritos differentes? Não; Senhores, certamente não. Procede isto, só de

se ter entre elles propagado mais o Desenho: e esta propagação he causa de que neste particular fação hum Commercio muito mais activo que o nosso. Donde se tira por legitima consequencia serem os estudos do Desenho de grandissima utilidade, e precisão para o Commercio, e para o Estado todo.

Occorre huma duvida: ¿terá este clima Lusitano qualidades proprias a produzir engenhos adaptados a estes estudos? Eu não entro em questões phisicas, que em todo o rigor me não competem: mas a quotidiana experiencia tem mostrado serem os Portuguezes habeis para tudo; e que a sua aptidão não existe em poucos, acha-se em grande numero: falta instrui-los; falta animá-los. Fundando-se estas duas grandes bases *Instrucção e Protecção* (*), não faremos

C ii

(*) Sem protecção, ninguém espere pro-

mos hum Commercio precario, de que os grandes Politicos tanto fogem.

Se-

gressos em estabelecimento algum; seja nas Sciencias, na Milicia, nas Artes, &c. Diz *Muratori* (Primi Disegni della Republica Letteraria pag. 44.) que *a esperança do premio he a nutridora dos Engenhos, he o mais poderoso estimulo das famosas emprezas. Nas honras, nos Empregos públicos, na gloria, no accrescentamento das commodidades da vida, da fortuna, e em outras cousas se póde considerar este premio.* Bem moderna he a feliz revolução que fez em toda a França, a efficacia com que o grande *Colbert* protegia o merecimento em todas as classes. E em todo o Mundo se vio sempre, que nos tempos de poderosos e efficazes Protectores, he que apparecerão mais homens dignos da immortalidade. A Natureza em todos os homens he a mesma.

; Como hão-de os Professores de Artes tão difficeis querer consumir-se em tão laboriosos estudos, naquelle Estado em que se virem confundidos com a plebe, e submergidados na indigencia? Alguns Espiritos superficiaes, possuidos de kuma generosidade cheia de affectação, dizem que *as almas nobres são desinteressadas.* Mas se meditarem bem, e despirem todo o amor proprio não acharão em si esse desinteresse. O mencionado *Muratori* (nas suas *Reflessioni sopra il Buon Gusto.* Part. II.

Seria manifesta puerilidade entrar no empenho de provar os interesses que da naval Architectura tirão o Commercio, e a Milicia; e em consequencia todas as Jerarquias do Estado.

¿ E haverá quem se persuada haverem-se construido bem essas nadantes maquinas sem o Desenho? O Desenho he que dirige o Constructor, para dar-lhes não só a formosura que relativamente lhes compete, mas para

pag. 19.) diz que *todos os homens por diversos modos tendem ao interesse.*

Hum Sábio Patricio nosso, amante do Desenho, conhecendo esta verdade, por ser tamanho Filosofo como Jurisconsulto, diz: *Houvérao Apelles, Rafaelis, Buonarotas, Ticianos, Rubens, Dureros, Brandinelles, e outros varões insignes nos seus seculos . . . porque tiverão Alexandres, Summos Pontifices Leões, Pios, Duques de Florença, Carlos V., Philippes, &c.* (José Gomes da Cruz. *Carta Apologetica, e Analytica pela ingenuidade da Pintura* pag. 47.) E da falta de Protecção, he consequencia infallivel a falta de instrucção: bem q. mostra Aleiato no seu emblema 119.

ra regular-lhes melhor as suas accomodações, e para dar-lhes huma tal fórma que seja adaptada a cortar com mais facilidade as aguas, e a serem obedientes ao timão, tanto como ás vélas.

Deixo de ponderar as immensas sommas, que só a Pintura, Escultura, e Gravatura tem levado para Italia, e França; tanto pelos Paineis, Estatuas, e Estampas que daquellas Regiões tem sahido para outras, como pelos innumeraveis viajantes que a ellas vão, attrahidos das maravilhas destas Artes; deixando naquelles climas as riquezas que vão tributar ao Desenho. ; E não he isto proveitoso áquelles Estados? (*)

; Que

(*) Os Naturaes de *Gnido* possuíão huma estatua de *Venus* feita por *Praxiteles*, a qual lhes quiz comprar o Rei *Nicomedes*, offerecendo-lhes por ella pagar todas as dividas da Cidade. Os *Gnidenses* (negando-lhe a Estatua) responderão, que não querião ter a baixeza

¿Que direi pois da gloria (*), aquella honrada gloria que resulta aos mesmos Povos, de que as obras de seus Artistas sejam taes, que obriguem Personagens de todas as Jerarquias a longas, e dispendiosas viagens, só pelo gosto de ver, e contemplar esses portentos da Arte?

¿E não são isto verdadeiras, e solidas utilidades? Pois ainda não párrão aqui. Ellas não se limitão só aos interesses temporaes; conduzem ás mesmas felicidades eternas; pelos ser-

vi-

de convir (por interesse) em largar de si huma Peça, que os fazia celebres no Mundo.

(*) Plinio em o principio do Liv. 36. diz, que os habitantes de *Chio* por baixo de huma estatua pozerão alguns versos que dizião: *não ser a sua Ilha somente illustre pelos excellentes varões que produzia, mas tambem pelas obras dos Escultores, Filhos, e Discipulos de Anteramo.* D'onde se vê, que há muitos seculos dão honra, e gloria as bellas obras destas Artes, não só aos Authores que as produzem, mas até aos mesmos Povos que as conservão.

viços que fazem á Santa Religião que professamos. Na pratica o vemos: e tambem o confirma o Sagrado Concilio Tridentino (*).

Oh admiravel Desenho! Oh prodigioso competidor da Natureza! Ainda não disse tudo, porque elle he ... Mas que digo! ; Aonde me arrebatava o enthusiasmo de Artista? ; Fallo eu por ventura em algum Paiz inculto? Quero acaso persuadir alguns Povos insensiveis á razão? ; Terei dúvida se discorro entre Portuguezes, que não só no valor com que tem feito tremer as quatro Partes do Mundo, mas que em tudo tem merecido, e alcançada louvores de todas as Nações? ; E não tenho a honra de me ouvir a Grandeza desta mesma respeitavel Nação, onde se achão os mais vastos conhecimentos? Vacilo? Não. Longe de mim a menor dúvida: e ainda não hesitando, tenho delinquido.

Po-

-(*) Sess. XXV. de ... Sácr. Imag.

Porém, Senhores, se a debilidade natural merece alguma desculpa, desta fragil Natureza triunfou o amor do Desenho, e o zêlo da Patria, estes dous fortes affectos me derão huma tal commoção ao espirito que me cegou, para não ver hum breve espaço que fallava na presença de quem incomparavelmente melhor que eu conhece as verdades, que tenho exposto: este amor, este zêlo intercedem por mim para ser (como espero) com benignidade perdoado.

No meu respeitavel Auditorio não se acha, nem hum daquelles Espiritos grosseiros, que julgão o Desenho inutil, e as suas instrucções superfluas. Se Portugal por alguns annos se não tem applicado á cultura da frondosa arvore do Desenho, não tem sido por ignorar-lhe a sua utilidade, e precisão: os notaveis, successivos, e bem notorios acontecimentos desta Monarchia, tem embaraçado os progressos das Bellas Artes. Já o Senhor
Rei

Rei D. João V. de saudosa memoria, quiz estabelecer-lhes Academia; para o que, chegou a mandar vir de Roma os geços extrahidos das melhores Estatuas que ha naquella Capital do Mundo: a sua perigosa, e em fim mortal molestia, embargou o projecto.

Aquelle immortal Rei, digo, o Senhor D. José I., que sempre viverá nos corações dos seus Vassallos, pelo zêlo insaciavel que teve do bem Público; não fundou quatro Aulas tocantes ao Desenho?

— Sua Augustissima Filha, cujo prudente, pacifico, e clementissimo Governo faz a nossa felicidade presente, não dispende quotidianamente avultadissimas sommas, promovendo a Escultura, a Pintura, e a Architectura? Não fundou outra Aula pública destes estudos pela sua Real Meza da Commissão Geral?

— Os nossos Excellentissimos Grandes; não fazem tacitamente reviver o Edicto da Grecia, mandando instruir seus

seus Illustrísimos filhos nesta faculdade?

¿Por ventura, não temos a gloria de gozar hum Magístrado Politico, de tanto zelo, que já fundou huma Aula pública de Desenho, e esta Assembléa em que os Artistas applicados se tem juntado, a estudar com toda a individuação a Natureza? ¿Pois para que me canço? Para que sou importuno, em querer persuadir a utilidade, e precisão do Desenho? Não: não digo mais neste ponto. Direi sim, que = *para tirar-se verdadeira utilidade nestas applicações, devem ser dirigidas com bom gosto na imitação da Natureza.*

Já demonstrei, do modo possível á minha incapacidade, e attendendo a não ser prolixo, que aos Professores das Sciencias he mui util conhecer bem o Desenho. Agora digo, que para os Artistas (especialmente Pintores, e Escultores) o praticarem com bom gosto, na imitação da

da Natureza , álem do Genio adaptado , com assiduos estudos praticos , precisão ter noções de todas as Sciencias , de todas as Artes.

Dizia Pamphilo , Mestre de Appelles , que o *Pintor deve não ignorar cousa alguma.* (*)

Descrevendo Vitruvio as qualidades que deve ter o Architecto diz , que elle *he obrigado a saber escrever* : isto he (segundo os seus interpretes) saber ordenar com bom methodo a sua escrita : *deve saber desenhar ; ter grande conhecimento da Geometria , Optica , e Arithmetica ; saber muito da Historia ; ser profundo na Philosophia ; não ignorar a Musica , e ter sua tintura da Medicina , Jurisprudencia , e Astronomia.* E declara as razões que para isto ha , no Capitulo primeiro do seu primeiro Livro.

Entre Pintores , e Escultores , ainda

(*) Plin. Lib. 35. Cap. 10.

da até agora não houve algum de boa reputação (*) que não fosse também Architecto ; não só pela união que tem estas Artes entre si, e procederem todas dos mesmos principios ; mas por terem os Pintores, e Escultores muitas occasiões de introduzir nos seus quadros e baixos-relevos, Porticos, Fachadas, Columnas, e todas as mais peças, filhas da Architectura.

Aqui temos o Pintor, e Escultor completos, sabendo Architectura ; e em consequencia munidos com as instrucções que Vitruvio quer no Architecto.

Mas a Pintura, e Escultura são mais sequiosas : ainda não mitigão a sua sede no manancial de tão claras fontes.

He possível ! ; Pois abrangendo a Architectura tamanho espaço como

o

(*) Carducho. Dialogos de la Pint. Dialogo 2. pag. 31 verso.

o seu Chefe lhe determina, ainda as duas Irmãs gêmeas se não contentão com igual patrimonio? ; Ainda querem ambito mais dilatado? Sim Senhores. E não as move ambição; mas sim beneficencia!

Ellas são mais instructivas; ellas fallão mais em particular ao coração humano: e por esta causa, além de lhes pertencerem as mencionadas instrucções do Architecto, pelos motivos que declara o Author Latino, e outras razões mais; precisão também gostar a Rhetorica: não só para que as suas Imagens, e representações exprimão bem os affectos do animo, porém, para que os movão nos espectadores.

Tem obrigação de identificar-se com a Poesia; para revestir os assumptos de huma tal harmonia, que ainda sendo as idéas antigas, pareção novas; dar-lhes huma tal graça, tal viveza, que o marmore, o bronze, e a tella pareção fallar, e mover-se:

em

em fim, encher-se daquelle fogo, daquelle enthusiasmo, que fez dizer a Ovidio: *Deos está-em nós.* (*)

Para se fecundarem, são conduzidas a divertir-se no jardim da Mythologia; pelos innumeraveis, e moracs assumptos que lhes ministra a Fabula: a navegar com a Iconologia, para sondar bem de que modo personalizarão as Virtudes, os vícios, e outras muitas Imagens, que não obstante serem fantasticas, contém muita doutrina.

Devem praticar com a Theologia, para guardar a decencia e relação devida, na variedade e multidão de assumptos Sacros, que representam tocantes ao Novo, e Velho Testamentos, aos Mysterios, aos Sacramentos: para o que, não basta qualquer sciencia adquirida, precisão de intelligencia inspirada. (**)

Pre-

(*) Ovid. Fast. Lib. 6. v. 5.

(**) Veja-se o Exodo, Cap. 31.

Precisão discorrer com a Chronologia, para distinguir os tempos, e conhecer os diversos usos de vestir nas classes secular, e sacerdotal; as maneiras de mobiliar nos differentes seculos; as configurações dos instrumentos, nos Sacrificios, na Milicia, na Agricultura, e . . . Em summa, torno a unir-me com Pamphilo, e a dizer com elle *devem saber tudo.* (*)

Oh

(*) Impossivel he, com effeito, que hum homem só saiba todas as Sciencias, e Artes: porém essa falta he da fraqueza humana, e não das mesmas Sciencias, e Artes; que são susceptiveis de toda a extenção: e a impossibilidade que se dá para saberem-se todas a fundo, não existe para ter de muitas sufficientes noções. Neste sentido he que fallou Pamphilo, Vitruvio, &c. E Mengs, ainda fallando em cousas tocantes á pratica da Pintura diz: *em huma Arte de tanta vastidão, não he possivel que hum entendimento só, e limitado, possa abraçar tudo no mesmo grdo.* &c. Tom. I. pag. 195. da Edição Italiana. Mas he certo, que o merecimento do sujeito será proporcionado á quantidade que em si reunir das

Quantos , e quantos olhão para os vossos filhos como para qualquer homem fabril ! Sem conhecer , sem reparar que desacreditão os seus proprios juizõs em ignorarem , que em vós o essencial todo he scientifico , todo Philosophico !!

¿ Phi-

sumpto de penas muito doutas , tratando o ponto juridicamente. O Doutor João de Butron Professor de ambos os Direitos em Madrid 1626. , deo ao Público *Discursos Apologeticos*, en que se defiende la ingenuidad del Arte de la Pintura. Em Lisboa o Doutor José Gomes da Cruz , escreveu a rogo do Pintor André Gonçalves *Carta Apologetica , e Analytica* , pela ingenuidade da Pintura : impressa nesta Cidade em 1752. Outros muitos , como se pode ver em *Carducho* , e *Palomino* , tem sido Chronistas , e defensores destas Artes ; das quaes fallando-se em huma , he o mesmo que fallar em todas , vista a sua identidade , e estar ainda por decidir qual dellas he mais nobre , e mais difficil. Nesta Cidade ainda se conserva em poder de alguns Professores trasladada em pública fórma , huma Sentença que no Reinado do Senhor Rei D. Pedro II. proferio o Desembargo do Paço contra o Senado , a favor da nobreza da Escultura. As distinctas

¿Philosophico disse? Sim, Philosophico!!! E de tratar o Desenho com Philosophia, he que procede
 D ii ap-

circunstancias que exigem estas Artes, as fazem dignas de estimação sem taxa; e por esta causa, aquelles conspicuos Ministros assim julgáráo. Isto mesmo tem induzido tantos sabios Principes a honrarem com tanta vantagem, e a enriquecerem com tanta profusão os bons Professores de quem se serviráo; de cuja multidáo de exemplos transcreverei alguns, para confirmar estas verdades.

Não fallando no que referem *Plinio*, *Elia-no*, e outros, sobre a estimação que os Gregos, e Romanos fizeráo de tão bellas Artes, e dos seus Professores; logo que ellas principiaráo a levantar-se das ruinas em que as sepultára a barbaridade, igualmente principiáráo os poderosos a distinguir os seus Artistas. Logo em *Gioto* (hum dos primeiros restauradores dellas) se vio brilhar a estimação, e protecção; enchendo-o de honras, e riquezas.

* *André de Piza*, Escultor, Pintor, e Architecto, occupou em Florença lugares dos mais honrosos na Magistratura.

* O Papa *Eugenio IV.*, encheo de honras, e riquezas a *Bruneleschi*, Escultor, e Architecto: e em Florença o fizeráo Magistrado.

* *Miguel Angelo Buonaroti*, nasceo Ca-

apparecer nelle o *Bom-Gosto*, e resultarem delle as utilidades que deixo referidas.

O

valheiro ; e como já nesse tempo os Florentinos olhavam para as Artes com os olhos abertos , não lhe impedirão seus Pais applicar-se a ser Artista ; em cujos exercicios conseguiu muito maiores honras e proveitos , do que alcançaria só pelo seu nobre nascimento. Elle chegou a huma grande , e geral reputação na Escultura , Pintura , e Architectura ; e o merecimento que teve nestas Artes , lhe conciliou as mais distinctas honras. A primeira foi (sendo elle ainda muito mancebo) que hum de seus proprios Principes (*Lourenço de Medicis*) quiz ter o moço *Buonaroti* em seu Palacio , onde lhe destinou hum aposento distincto ; deo-lhe a sua meza ; e nella melhor Jugar que a seus proprios filhos : assignou-lhe hum decente ordenado , que o generoso mancebo cedeo ao arbitrio de seu Pai : e neste tempo ainda o Artista não contava mais que 16 annos de sua idade. Os referidos premios forão o fructo de huma só pequena obra de marmore que fez para o mencionado Principe.

O Papa *Julio II* , pela pintura da Capella Sixtina , o cumulou de honras , e riquezas. Foi estimadissimo dos Papas *Leão X.* , *Clemente VII* , *Paulo III* , *Paulo IV* ; dos Duques de *Ferrara* , e de *Urbino*. *Julio III* , na

O *Bom-Gosto* no Desenho, Senhores (e creio que em tudo) *consiste na justa conformidade que as cousas*

presença de doze Cardeaes fez sentar o Artista junto a si. Os Principes da Casa *Medicis*, não cedêrão a ninguem na estimação que fizerão d'elle. *Cosme I.*, indo a Roma, o fez cubrir na sua presença. *Octavio de Medicis*, quiz que o Artista fosse Padrinho de hum de seus filhos. *Francisco I.* Rei de Franga, fez grandes instancias pelo ter em sua Corte. *Carlos V.*, vendo este Artista, levantou-se, e disse-lhe, *Imperadores podem-se ver, mas hum vosso ignal não.*

Este grande homem faleceo em Roma, e o Papa quiz que se enterrisse na Igreja de S. Pedro: mas o Gram-Duque de Florença *Cosme I.*, fez que furtivamente se transferisse o corpo a Florença; e ahi foi sepultado na Igreja de S. Lourenço, onde se não enterrão senão os Grans-Duques, e sua Familia. Fizerão-se-lhe Exequias tão distinctas, que até nesse dia se suspenderão os trabalhos públicos, como se fosse dia Santo.

* *João Lourenço Bernini*; chamado communmente o *Cavalheiro Bernini*; pelo ser da Ordem de Christo: foi muito acceito ao Papa *Gregorio XV.*, que lhe conferio penções consideraveis, por alguns bustos da sua familia, que *Bernini* lhe executára em bronze,

sas tem com a sua destinação ; sem faltar-lhes o preciso , nem conterem o superfluo.

De-

e marmore : e o criou Cavalheiro da dita Ordem. O Cardeal *Mafeo Barbarini*, Protector deste Artista , chegando a ser Papa , com o nome de Urbano VIII., mandou chamar *Bernini*, e lhe disse : *Vós sois feliz em ver o Cardeal Mafeo Barbarini elevado ao Pontificado : mas elle reputa a sua felicidade maior que a vossa , por viver Bernini em seu Reinado.*

Completando *Bernini* o Baldaquino da Igreja de S. Pedro , quiz o referido Santo Padre premia-lo : perguntou a hum de seus cortezaos , que lhe parecia se desse de premio ao Artista ? E como o mesquinho ignorante respondesse que *hum cadêa de ouro do valor de quinhentos ducados* (pouco mais de dois mil cruzados) *Está bem* (lhe tornou o Papa ;) *a cadêa será para vós , e o ouro para Bernini.* Fez dar ao Artista vinte mil cruzados ; augmentou-lhe as pensões consideravelmente ; deo a hum de seus Irmãos hum Canonicato em S. João de Laterão , e a outro hum Beneficio em S. Pedro.

Carlos I. Rei de Inglaterra , quiz hum busto do seu retrato , feito por *Bernini* : em premio lhe mandou hum anel avaliado em 68 escudos (*doze mil cruzados*) e disse ao mensageiro do presente : *Ide coroar a mão do.*

Deve-se pois considerar esta faculdade d'Alma, em dous estados: hum de julgar, outro de praticar. O pri-

Escultor que fez tão bello busto. E o anel, hia acompanhado de varias joias mais de avultado preço.

O Cardeal *Mazarini* sollicitou com effi-
cacia que este Artista entrasse no serviço de
ElRei de França, offerecendo-lhe de ordena-
do 128 escudos Romanos (*vinte e quatro mil
cruzados*). Porém o Papa não consentio, di-
zendo, que *Bernini fora feito para Roma, as-
sim como aquella Cidade para elle.*

O mesmo *Urbano VIII.* estimou tanto es-
te Professor que chegou a ir visita-lo a sua
casa, acompanhado com desaseis Cardeaes;
não obstante advertir lhe o seu Mestre de Ce-
remonias, que semelhante familiaridade era
contraria á Magestade Papal. O Papa *Alexan-
dre VII.*, tambem o visitou duas vezes em
sua casa; e *Clemente IX.*, fez o mesmo.

Luiz XIV., desejando que *Bernini* assis-
tisse aos principios de hum Palacio, para que
este Artista lhe déra os desenhos, de cuja
perfeição o Rei estava gostoso em extremo,
escreveo ao Papa com o maior empenho, pe-
dindo-lhe consentisse que *Bernini* chegasse a
Paris; e ao Professor escreveo outra carta,
summamente honrosa, convidando-o para isto,
e dando-lhe por conductor na viagem seu pro-

primeiro pôde-se achar sem o segundo, posto que raras vezes; este porém, nunca pôde existir sem o primeiro.

prio Primo o *Duque de Crequí*; o qual tendo-se já despedido de Sua Santidade para partir para França, como recebeu esta ordem do Rei, tornou a buscar o Papa: foi com o faustro de grande cerimonia para pedir-lhe solememente esta graça; e obtida, foi com a mesma pompa a casa do Artista entregar-lhe a Carra do seu Soberano, e tratar com elle da partida. *A esta viagem de Bernini* (diz o Historiador) *se podia dar o nome de marcha triumphal*. O Gran Duque de Toscana lhe mandou fazer huma entrada pública em Florença. Em Turin recebeu o Artista as mesmas honras. O Nuncio Apostolico, então residente em Paris, ao tempo da sua chegada sahio a recebê-lo fóra da Cidade, e o conduzio á presença do Rei.

A generosidade com que *Bernini* se portou a respeito dos desenhos de *Mr. Perrault*, foi causa de que em França não fizesse cousa alguma em Architectura, fim principal para que alli fôra conduzido, Fez unicamente o busto do Rei em marmore. Isto não obstante, o *Grande Luiz*, aos oito mezes que esteve o Artista na sua Corte, mandou-lhe dar cinco luizes por dia (*dezanove mil e duzentos réis*) para os seus gastos domesticos: no fim

meiro. E em ambos os estados he impossivel achar-se a faculdade do *Bom-Gosto* sem hum perfeito conhecimento

lhe fez hum presente de cincoenta mil escudos de França (*sessenta mil cruzados*): huma pensão annual de seis mil libras (*novecentos e sessenta mil réis*); e outra de quinhentos escudos ditos (*duzentos e quarenta mil réis*) para hum filho que levára consigo.

Ultimamente, finalisou este Artista a vival carreira cumulado de honras, e riquezas. Dizem deixára huma herança de quatrocentos mil escudos Romanos (*oitocentos mil cruzados*) e dando esta noticia à grande *Christina*, Rainha de Suecia, que então residia em Roma; esta singular Princeza respondeo: *Se Bernini tivesse vivido empregado no meu serviço, eu teria pejo de se lhe deixar tão pouco.*

* *Pellegrino Pellegrini Tibalde*, tendo acabado os serviços que fez a Filippe II. no Escorial, se retirou com as riquezas que lhe deo aquelle Monarca, avaliadas em mais de quatrocentos mil cruzados. E além disto lhe fez mimo do territorio de *Valsoda*, sua patria, erigindo-o em Marquezado para este Artista.

Estes admiraveis procedimentos, não acontecêrão só naquelles felices tempos: ainda hoje se observão. Quando o *Napoleão* roubou a Europa, os equitativos Alliados fizerão restituír

to da cousa que se julga, ou executada; juntando a este conhecimento muitas meditações Philosophicas para inda-

todas as preciosidades das Bellas Artes ás Potencias defraudadas pelo barbaro usurpador; e para que os Romanos o não ficassem em algum engano, mandou o Santo Padre Pio VII., o Escultor Cavalheiro *Canova* a Paris para conhecer o que recebia: voltando a Roma, para S. Santidade mostrar o júbilo que lhe causava o bom desempenho da missão de *Canova*, lhe escreveu de proprio punho o Santo Padre, annunciando-lhe ter ja mandado escrever o nome de *Canova* no Livro de ouro do Capitolio; applicando-lhe sete mil cruzados de pensão annual; e dando-lhe o titulo de Marquez de *Schia*. Pelo que vem a ser *Canova* o segundo Marquez Artista, que pelo merecimento proprio tem subido a elevação tão distincta.

* *Paulo Guidotti*, Pintor, Escultor, e Architecto foi creado Cavalheiro da Ordem de Christo, pelo Papa Paulo V.: e nomeou-o Conservador do Capitolio, que he hum dos principaes Magistrados de Roma. E isto, por hum gruppó de marmore de seis figuras de sua invenção, e de que elle fez presente ao Cardeal *Borgnese*.

Para não ser prolixo deixo os *Rubens*, os *Ticianos*, os *Dureros*, e outros, feitos Embai-

dágar no seio da Natureza, aonde reside a Verdade, o Bello, e o Util.

Nestes termos, sendo tantas, e
tão

xadores, Condes, Grandes do Sacro Imperio, Aposentadores Mores, &c., e remeto quem quizer mais individuaes e amplas noticias, a todos os Authores já nesta Nota citados; á obra intitulado *Vies des Architectes*; a *Vasari*; a *Fr. André Ximenes*, no fim da sua *Descrição do Escorial*; e aos Diccionarios das Artes, e dos Homens grandes.

A estimação, e protecção a estas Artes ainda hoje se acha em alguns Principes, e Grandes, que se prezão de ser Protectores, não só de hum homem abalisado, mas ainda mesmo de qualquer mancebo em que achão disposições, que alentem esperanças. Mas ha rambem pessoas ao contrario, que não só deixão de proteger, mas até parece fazerem timbre de abater o merecimento, não só onde apparece d'elle algum relampago, mas ainda mesmo onde brilha sem intervallos.

He verdade que não pôde, nem deve ser honrarem-se, e felicitarem-se os Artistas todos sem escolha. As distincções devem-se com effeito conferir aos que rambem se distinguem em talentos, e bons costumes: porém, julgar a corporação de qualquer destas Artes na ordem mecanica, he manifesta estupidéz.

tão diversas as producções daquella Mãi fecundissima, e tendo-as o Desenho todas por objectos seus, a principal, a mais bella, e a mais instructiva he o homem, por ser semelhante a Deos; pois que o mesmo Deos disse: *Façamos o homem á nossa Imagem, e semelhança.*

E posto que esta semelhança consista essencialmente no Espirito, nessa mesma espiritualidade tem o Desenho tanta parte, que na expressão do espirital reside a sua sublimidade.

Se hum Pintor ou Escultor exprime qualquer affecto com frieza, falta-lhe o que a paixão requer; e por conseguinte não chegou ao *Bom-Gosto*. Se representa esse affecto com exageração, excede os limites; tem o superfluo; deixou a perder de vista o *Bom-Gosto*. Se nos sujeitos que imita (*) não mostra com verdade os
ca-

(*) Esta conformidade he a essencial, e

caracteres que lhes competem, não tem conformidade, nem se lhes acha o *Bom Gosto*.

¿ Não he isto Philosophia? Sondar o coração humano! Conhecer-lhe os seus affectos! Contemplar continua-

mais difficil de conseguir: mas ainda ha outra a que se pôde chamar accessoria; « a es- » colha dos assumptos proprios dos lugares on- » de se expressão. » *Carducho*, nos seus *Dialogos de la Pintura*, Dialogo VII. pag. 110., dá indicios de censurar a *Coxosi*, pintar na galaria de huma Rainha, a escandalosa resolução da mulher de *Putiphar*, com o casto *José*. Semelhante absurdo commetteo outro Artista em hum Palacete para residencia de hum Principe Ecclesiastico, (e que nem para o futuro devia ter outro destino) representando em todos os tectos assumptos fabulosos: como se no Velho, e Novo Testamento, e na Historia da Igreja, não houvessem milhares de sugeitos instructivos, e proprios do referido lugar. Eis-aqui hum dos resultados da falta de instrucção, e de não *philosophar* nestas Artes. E quando o Professor he tão leigo que se precipita em taes quédas, tambem se não livra da justa censura quem lhas consente.

nuamente a Natureza ! ; Estar sempre vigiando que movimentos , e gestos produzem o Amor , o Odio , a Ira , a Paciencia , a Soberba , a Humildade ? (*)

; Não. requerem estas circumstancias hum estudo particular da Physionomia ? Pois ainda essa não he bastante ; porque todos os membros do corpo concorrem para a boa expressão : até o mesmo arranramento das
vês-

O nosso Francisco Vieira Lusitano foi nesta Philosophia insigne : conformando-se maravilhosamente aos sitios em que pintava , e aos caracteres das Personagens que figurava ; excedendo nisto (e muito) mesmo o grande Rafael : o que se póde provar facilmente , examinando (nas estampas) as obras de hum , e outro com intelligencia desabusada.

(*) O grande Philosopho *Socrates* , não só foi filho de Escultor , mas elle mesmo tambem : e entre as suas obras de Escultura foi celebrado hum gruppó das tres Graças. Quando se dedicou de todo á Philosophia , confessava *dever á Escultura os primetros ensaios Philosophicos*. *Encyclop. Tom. 14. Artic. Sculpteurs Anciens.*

vestes com que as figuras se adornão!!!

Sem muito genio, muito estudo, e muito philosophar nestas circumstancias, ¿ como desempenhará qualquer Artista huma representação viva e fiel do Conselho em que o Immortal D. João I. propoz a resistencia que se devia fazer ás forças de Castella? O receio de huns? A parcialidade de outros? A grandeza d'animo d'aquelle Principe? O zelo, a lealdade, o valor de D. Nuno Alvares Pereira, com

*A mão na espada irado, e não facundo
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo: (*)*

¿ Como exprimirá a casta fé conjugal da constante Susanna? A sua desconfiança dos homens? A firme esperanza no Omnipotente? A torpe, e fraudulenta malicia dos nefandos ac-
cu-

(*) Cam. Lus. Cant. 4. est. 14.

cusadores? A santa e zelozza interpi-
dez do mancebo Daniel, para salvar
a innocencia? A surpresa, e admira-
ção do Povo, á vista da repentina mu-
dança de tão`patheticá scena; mudan-
ça produzida pela heroica liberdade
de hum Profeta, por tal ainda não
conhecido? (*)

Não se acha ainda hoje em Ro-
ma, excitando o assombro de todas
as Nações, a famosa estatua de Lao-
coonte, onde os seus primorosos Ar-
tistas exprimirão de tal modo a dôr,
e agitação, que os espectadores pá-
rão... esperão para o ver levantar!
Attendem... escutão para ouvir-lhe
os gemidos!!! (**)

Eis-aqui levado ao seu auge o
Bom Gosto, na imitação da Natureza.

Quan-

(*) Dan. 13.

(**) Esta prodigiosa Estatua, foi roubada
pelos infames Revolucionarios da França, aos
pacificos Romanos: mas felizmente restituída
a impulsos dos equitativos Alliados, restaura-
dores do socego da Europa.

Quanto até agora tenho dito do *Bom-Gosto*, que no Desenho produz esta sabia imitação, pertence mais ao espirito, que á materia. Porém como da disposição material depende aquella especie de illusão, que em certo modo faz persuadir terem vida huns corpos, que realmente são inanimados, tambem devo mostrar, com a brevidade possivel, como a materia se deve dispôr na imitação da Natureza, com *Bom-Gosto*.

Da perfeição das fórmãs em particular, e da boa relação que em geral tem com o seu todo, he que procede a belleza de qualquer corpo. Esta formosura não deve ser arbitraria; mas sempre subordinada ás leis da Natureza. ; E onde existe essa Natureza de formosura completa? Achou-se na sagrada humanidade de Christo: piamente devemos crer, que em sua Virginal Mãi; e com bons fundamentos se julga que em nossos primeiros Pais; sendo modelados em barro

E

pe-

pela Sabedoria increada, immensa, e infinita.

O crime do primeiro homem, produzindo a desordem total de toda a Natureza, foi causa de que a humana razão perdesse em parte o nobre imperio que gozava sobre as paixões: e como alterando-se os humores ficárão sem a sua perfeita regularidade, diversificarão-se os costumes, multiplicárão-se os vícios, introduzirão se as *modas*, que em todos os seculos, em todos os Paizes tem levado a geração humana, em ambos os séxos, a dar tratos a si mesmos para se afeiarem, só por se conformar com a *moda*. E de tudo isto procede não se achar huma só pessoa em todas as suas fórmis bella.

¿Imitaremos pois a Natureza como casualmente a encontrâmos? Não: pois nesse caso, não attendemos á *conformidade*; faltâmos ao *precizo*; e adoptâmos o *superfluo*; e em consequencia não atinâmos com o *Bom-Gosto*.
Va-

Valha-me o Ceo! Pois se a Natureza he a verdadeira mestra, se devemos seguilla com a mais escrupulosa exacção, e nella se não acha essa completa formosura em que reside o *Bom-Gosto*, ¿ como se hão de fazer estes estudos, para conseguir o fim que desejamos? Responda por mim o intelligente *Du-Fresnoy*. Eu lhe ouço dizer: *A escolha da Natureza deve ser conforme ao Gosto dos antigos Gregos, e Romanos. (*)*

A razão he esta: aquelles grandes Homens, não se valião de hum só exemplar natural, mas sim de muitos; copiando de cada hum, a parte que lhe achavão mais bella, para compor hum todo perfeito. E eis-aqui o *Bom Gosto* na imitação das fórmãs, ou do material da Natureza: a que *Mengs* chama *Belleza ideal*; e *Cochin* *Belleza de reunião*.

E ii

A

(*) *Arte della Pittura. Preceto I. del Bello. Edic. Ital. in Roma 1755.*

A maxima de imitar o *Antigo*, he já muito vulgar entre os Artistas; e debaixo do especial titulo de *Grandioso*, muitos sem philosophar na mesma imitação das fórmãs, para seguir o grande estilo dos Antigos, em toda a qualidade de sujeitos as decidem membrudas e pesadas; sem reflectir que a musculatura d'hum Anteo não convem a hum Adonis.

Sabios Gregos, ¿ assim he que vós imitaveis? ¿ Por ventura reunieis o *Bello* para o empregar com indifferença? ¿ Não fazieis concretos distinctos do *Grandioso* gentil, e do *Grandioso* robusto? E de que serve acordar os que dormem? Deixai-vos estar nos vossos Elyseos. Cá temos as vossas obras. Consulte-se o *Apollo de Belveder*; attenda-se a *Venus de Medicis*; repare-se no *Hercules Farnesiano*, e outras.

Estas bellas estatuas mostrão como aquelles immortaes Artistas, empregavão o gentil mais bello, e o mem-

membrudo mais perfeito, conformando-se aos sujeitos que representavão.

Nesta imitação das naturaes bellezas, reunidas, e conformes aos caracteres que representão, he que os Artistas, e os que aspirão a conhecedores destas Artes, devem estabelecer o alvo das suas miras; dando costas ao *amaneirado*, e sem espirito de Escola.

Este louco entusiasmo Escolastico; este verdadeiro, e detestavel fanatismo dos estudos, he pai da soberba, nutridor da ignorancia, e parcial intimo da insolencia. Em qualquer se revestindo deste ridiculo capricho, já despreza todos os que não seguem a sua Seita, persuadindo-se que, por ter sido discipulo de tal ou tal mestre, se acha constituido supremo Legislador da faculdade que professa, e decisivo constraste dos talentos alheios, especialmente daquelles que emanarão d'outra Escola: sem conhecer que o mestre, por ad-

admiravel que seja , podendo ministrar instrucções , não pode infundir talentos a quem os negou a Natureza ; ou illustrallos a quem os envolve na ociosidade e desordenados abusos.

¿Quantos Rafaeis sahirão da Escola de Rafael? Quantos Buonarrotas da de Miguel Angelo? E quantos Palladios produzio Palladio? Pois se estas verdades são manifestas , de que me serve encher a boca de Volpato , (*) contar-me na Genealogia Escolastica de Ticiano , e ostentar descendencia de Rusconi , se eu não esculpo como este ; não pinto como aquelle ; nem sei gravar como o outro ?

Longe , longe de nós a paixão
de

(*) Não pertendo negar que sirva de grande utilidade ter hum mestre sabio , e de *Bom-Gosto*. Porém pouco , ou nenhum proveito ha de tirar da sua escola o discípulo que for inhabil , ou preguiçoso , ou dado a desordens.

de Escola : os possessos de tal espirito , logo mostrão as contorsões da soberba , as visagens da ignorancia , e o orgulho da insolencia.

A Natureza , meus amados Collegas , a bella Natureza he que deve ser a nossa guia. E não só na Pintura , e Escultura ; mas tambem na Architectura.

Não faltará quem julgue incompetivel com a Architectura a ponderada imitação , por serem as producções desta bella Arte huns corpos em que se não finge vitalidade : porém o imperio da Natureza he tão dilatado , e influe tanto nas obras em que tem parte o espirito humano , que faz com que a Architectura tambem falle.

Quando vêmos hum Palacio grande , elle nos diz que o seu morador não he pequeno : quando lhe indagamos as suas cameras , antecameras , officinas , e accommodações , elle nos declara a capacidade do Architecto :
quan-

quando reparamos nas suas porporções, ornatos, elle nos patentêa a sciencia, e gosto de seu Artista. ; E não he isto fallar, ainda que sem lingoagem?

As proporções dos membros da Architectura da Symmetria humana são tiradas: Vitruvio o confessa, (*) e nenhum dos que escrevêrão depois del-le o tem negado: para o que, consulte-se Palladio, veja-se Scamozzi, attendão-se Vignola, Serlio, Alberti, &c.

No modo de organizar os seus membros, tambem na fabrica do homem acha o melhor modêlo: este he o seu exemplar sublime, cuja imitação deve sêr philosophando. E porque os admiraveis Antigos desta sorte he que imitarão, não se servirão das Ordens indistinctamente, nos Templos que erigirão ás suas fabulosas
Dei-

(*) Liv. III. Cap. 1. e Liv. IV. Cap. 1.

Deidades, e nos mais Edifícios: (*) considerando a destinação de cada hum, para lhe applicarem a ordem competente: (**) e quando a occasião

(*) Vitruv. Liv. I. Cap. 2.

(**) A falta desta consideração, ou talvez a ignorancia, foi causa de se fazer da Ordem *Composita* a fachada de hum Edificio destinado para recolher armas, e mais munições de Guerra. Os Sabios Antigos nunca empregavão nos Edifícios de *Marte* a mesma delicadeza, e elegancia que nos de *Venus*, e *Juno*.

Além da analogia que o Edificio deve ter com o seu objecto, quando o Monumento contém *exteriores*, e *interiores*, havendo-se de ornar os *interiores* com as Ordens, he contrario a razão, e á Natureza empregar-lhe nos *exteriores* as Ordens *Corinthia*, ou *Composita*. Qual ha de ser então a Ordem mais rica para decorar os lugares de maior decencia?

Desta opinião he tambem *Mr. De-Corde-moy*. *Nouveau Traité de toute l'Archit.* 3. P. de pag. 179. para 180.

A Natureza, seguindo a regra que lhe deo o supremo Artifice, infinitamente sabio, obra bem diversamente. Discorrão-se os tres Reinos *Animal*, *Mineral*, e *Vegetavel*; acharemos em quasi todos os corpos guardada esta ordem: as cortiças das arvores; as cascas

sião pedia o concurso de varias, collocavão cada huma no seu devido lugar, levando o *Bom-Gosto* da imitação espiritual, ou philosophica ao seu verdadeiro ponto.

Na imitação material, consideravão os principios desta Arte para não se apartar delles: não lhes esquecia que a Natureza, logo na infancia do Mundo, ensinou os homens a precaver-se contra as injurias dos tempos; e que para este fim, aquelles primeiros habitadores da Terra,

fi-

dos fructos; as pelles dos animaes aquaticos, e terrestres; e as terras que cercão os metaes, e pedras exquesitas, não mostrão isto mesmo?

Já não he assim em hum *Portico*, em hum *Arco triumphal*, em huma *Fonte pública* &c. em cujos Edificios, o principal objecto he o exterior apparatus: e na mesma Natureza temos exemplos para regular estas exterioridades. e O principal destino das flores, e ainda de muitos volateis, não he o servirem de ornamento? Por essa causa no exterior tem a sua maior pompa.

fizerão choupanas, (*) e depois casas de madeira (**) para se abrigarem; em cuja contrucção, para poder-las elevar, e segurar, se valerão dos troncos das arvores. Aqui temos a origem das columnas, e pilares, (***) E todos os mais membros da Architectura procedem por linha recta daquelles principios, ainda que rudes.

Entrou a policiar-se o Mundo, a ter augmento o luxo, a espalhar-se a pompa, e por conseguinte a desenvolver-se a Arte, e a cuidar-se no augmento destes pimpolhos naturaes; reduzindo tudo a regras, mas sem afastar os olhos da Progenitora (****).

Ora, e se naquelle modo primeiro

(*) Vitruv. Liv. II. Cap. 1.
 (**) Liv. IV. Cap. 2.
 (***) Boffrand. Liv. d'Archit. Dissert. Sur le Bon-Gout. pag. 5. E Bardon, de Costume, rediggee par Cochin. Part. II. pag. 37.
 (****) Bardon. Part. I. pag. 9.

ro de construir, cortassem qualquer das varas horisontaes que ligavão os páos de prumo, não faltaria a solidez? Pois se as cimalthas não representam outra cousa, senão aquellas traves de ligação (adornadas) para que lhes cortão, e rompem não só os frizos, mas as arquitraves, e cornijas; já introduzindo-lhes janellas, já fazendo-as dar seus giros? Isto, he não conhecer, ou desprezar os principios: isto, he faltar ao *Bom-Gosto*, por se voltarem as costas á Natureza!!!

Se esta grande mestra ensina que sejam os tympanos formados com tres linhas rectas em triangulo, sendo a da base horisontal; para que he fazer-lhes as linhas dos lados tortuosas? Os que tem paixão por este gosto, são comprehendidos na irrisão que delles faz o sabio, e judicioso Critico das Bellas Artes *Mr. Cochin*, dizendo, *que ostentão ter aprendido Architectura com mestres de escripta,*
pois

pois que tanto se empenhão em' fazer ésses. ()*

Pelo que respeita aos ornatos de folhagens e outros, na sua distribuição e escolha, também se deve consultar aquella Mãe fecunda.

O mais rico, e o mais bello que até agora tem adoptado a Architectura, he o capitel Corinthio: e quem o inventou? A Natureza. A Natureza he que o mostrou a *Calimacho*; historia bem sabida, e tão cheia de graças, como se achão no capitel de acantho.

E tocante á distribuição, creio que todos concordão em que a parte mais bella que o Sabio Omnipotente formou em nossos semblantes, são os olhos: e com tudo, se figurarmos hum rosto introduzindo-lhe tres, dará indicios d'hum Argos monstruoso, se lhe puzermos hum só, faremos hum medonho Poliphemo.

Tu-

(*) *Cochin. Oeuvres diverses. T. I. pag. 5.*

Tudo isto prova, que em conformar com o objecto, em cumprir o que he devido, e em refutar o excessivo, temos achado o *Bem-Gosto* no Desenho, não dando hum passo, que não seja pela mão da sabia Natureza.

Desta sorte he que os admiraveis Gregos desenvolvêrão as Artes; e de se conformarem tanto com aquella mestra doutissima não lhes tem resultado a gloria de serem nas Letras, e Artes os luminares magnos, de que não apartão os olhos os homens de bom senso? Para o que, eu corro a cortina á Historia, com o fim de mostrar della hum quadro resumido, e agradável.

Vejão Senhores, que o objecto principal desta composição pictorica, he a Natureza sobre hum simples, mas nobre e rico pedestal: e as Personagens que lhe fazem corte, são os Sabios que nas Sciencias, e Artes existirão depois da florente Grecia.

Es-

Estes gruppos do lado direito são os Litteratos: e reparo que todos tem medalhas pendentes ao peito, com effigies. Aqui se mostra Virgilio, que na sua medalha tem o retrato d' Homero. Logo divisâmos Cicero, com a imagem de Demosthenes. Lá se vê Sallustio, e na medalha tem esculpido Thucidides. Indaguem-se os mais, que eu passo a ver os Artistas.

¿ Não he aquelle Rafael, acompanhado com Ticiano, e Corregio? Lá vejo tambem os nossos Gran-Vasco, Fernan-Gomes, e Vieira, com outros mais de varias Nações. ¿ Não são estes Buonaroti, Algardi, e Pucget? E se me não engano, entre outros grandes Escultores de diversos Paizes apparece o Portuguez Manoel Pereira, de quem se utilizou Castella, e não a sua propria Patria!!!

¿ Não repárão Senhores, como todos estão empregados em estudar
as

as Estatuas Gregas, e por ellas o reunido bello da Natureza?

¿Mas quem será este que vejo sentado sobre huma pedra quadrada, symbolo da estabilidade? Este? He o Pai dos Arquitectos, o grande Vitruvio!

Ora note-se como elle acompanhado de Paladio, Le Roy, e outros estão attentamente vendo as plantas, e alçados dos Edificios da Grecia. Agora advirto ¿Que letras de ouro serão estas na lapida em que se acha sentado Vitruvio? A Inscricção diz: *Où Grego, ou Barbaro.*

Ah! . . . Isto me faz levantar a voz, pelo bem, pelo credito da minha amada Nação! Eu desejo gritar até pelas ruas; mesmo nas praças. Eu pugno pelo vosso proprio credito, ó vós quem quer que sois de sentimentos contrarios. Se me quereis ser ingratos sêde-o muito embora; que eu clamo pela gloria da Patria; grito, pela vossa mesma reputação.

Se-

Sejão sans as minhas intenções; proceda eu bem; aqui tendes o peito.

Mas lembro-vos, que no estudo das Bellas Artes não ha senão dous sýstemas, *Ou Grego, ou Barbaro*. Segui aquelle que mais se conformar com as vossas inclinações, com a vossa instrucção, e com o vosso juizo. A' Natureza, nenhuma pessoa cordata nega a maternidade; nem aos Gregos terem melhor que ninguem sabido seguilla, e reunir-lhe as suas bellezas dispersas.

E como a figura do homem he onde se achão as mais attendiveis perfeições naturaes, a este estudo devemos dirigir os nossos disvélos. Para este fim estabeleceo esta Sociedade o illustre Magistrado que a protege; para este fim, honra com a maior benevolencia os Artistas que escolheo para Directores; e para este fim acolhe com a mais terna humanidade os concurrentes que vê applicarem-se, persuadido, com justa causa, que o

exacto, e assiduo estudo da configuração humana, he o manancial do *Bom-Gosto* em todas as Artes, em todas as manufacturas.

Nesta delineação pois, tal qual, da fecundissima arvore do Desenho, se tem visto como os seus fructos são saborosos ás Sciencias, pois que ministrão aos seus Professores muitos conhecimentos, facilitando-lhes os progressos das suas applicações. São proveitosos á Milicia, mostrando-lhe pelos Mappas geraes, e particulares, os lugares proprios para marchas, e contra-marchas; para conhecer a fortaleza das Praças, por onde se faráõ os aproxes, os ataques, e outras mil precisões.

São uteis ao Commercio, que para os seus transportes pelas delineações Geographicas conhece os pórtos, os baixos no mar, os caminhos na terra; pela Architectura Naval; e pela perfeição das manufacturas: das quaes, ainda que se não tire outro
pro-

proveito mais, que não carecer das alheias, he interesse muito consideravel para o Estado; não dar ouro por generos, cujo maior valor consiste na industria, nutrindo desta sorte a estranha, e deixando mirrar a propria sem alimento. (*)

Por estes motivos, todo o Estado em que ha civilidade, se deve disvelar na cultura desta proveitosa Arvore; não só para que os seus fructos sejam copiosos, mas para que tenham *Bom-Gosto*, e sejam salutiferos; extrahindo o seu substancial succo daquella doce Mãe, a *Natureza*.

E para que este utilissimo projecto não fique só em palavras; Illustrissimos e Excellentissimos Senhores, o Desenho implora a sublime protecção de Vossas Excellencias; os

F ii

in-

(*) Veja-se no *Jornal de Coimbra* N. 49. a Carta de Duarte Ribeiro de Macedo sobre o *Commercio*.

interesses do Estado o pedem; e a honra da Nação por isto clama.

A'quella grande Personagem do sangue Real Portuguez, que empunhando o bastão de Marte, sabe unir-lhe as delicias das Musas, deve a Patria já hum Areopago de Sciencias; falta-nos huma Basilica das Bellas Artes, (*) onde se faça justiça ao *Bom-Gos-*

(*) Por huma especie de metaphora erudita, se tem varias vezes chamado *Areopagos*, a lugares destinados a conferencias Scientificas. A mesma razão me induzio a usar do termo *Basilica*, fundado na origem que ellas tiverão: porém como haverá muitas pessoas que me criminem por usar desta palavra, não se lembrando mais que da presente destinação das *Basilicas*, devo transcrever o que em Vitruvio diz *Mr. Perrault*. Liv. V. Cap. I. pag. 148. Nota V. *As grandes, e espaçosas Sallas, que se chamavão Basilicas, forão assim primeiramente chamadas, porque erão feitas para juntar o povo, quando os Reis por si mesmos administravão justiça. Depois, quando forão deixadas aos Juizes, tambem se estabelecerão nellas os Negociantes; e em fim se tomárão para servirem de Igrejas aos Christãos.* Na Encyclopedia, mot, *Basilique*, se vê maior erudição

Gosto, que tendo recebido tantos insultos, suspira pela satisfação delles.

Esta applicação em que a Natureza humana se estuda nua, he bella, he muito proveitosa, he admiravel: todas as cultas Nações tem destas Aulas, e multiplicadas: mas isto não basta. He preciso que os Artistas se juntem nas Sessões das Assembléas Academicas, para propôr o bom; para refutar o máo.

As outras Nações, fazendo honroso conceito de varias boas qualidades que possuem os Portuguezes, julgão-nos sem tino para as Artes do Desenho. Isto he insulto! Não posso ver o nome Portugez abatido em classe alguma. Arde-me o coração no
pei-

desta palavra: porém para o meu ponto, bastará transcrever o seguinte. *Basilica*, palavra tirada do Grego, que quer dizer Casa Real: era em Roma hum Edificio público onde se administrava justiça a cuberto; o que a distinguia do Foro, Praça pública, onde os Magistrados fazião suas assembléas em ar livre &c.

peito! pula... quer... Heróes Portuguezes! Almas felices que habitais o Templo da Memoria!

*Albuquerque terrivel, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a Morte, (*)*

Vinde; vinde desafrontar a Patria: vinde augmentar a Gloria á nossa AUGUSTA.

Mas...; Que me representa a fantasia? Parece-me que vejo aquelles brilhantes Astros, e lhes ouço dizer: *Lá tens os-nossos Descendentés.*

Pois Excellentissimos Senhores, os seus Maiores, remettem a causa ás reffexões de Vossas Excellencias, e ao seu patrocínio. A presente felicidade Portugueza, consiste essencialmente em sermos governados por huma benefica MINERVA, protectora das Sciencias, e que não duvidará de o ser das Artes; e muito em parti-
cu-

(*) Cam. Lus. Cant. I. Est. IV.

cular das do Desenho ; tendo-o já honrado com a sua Real applicação, e vendo as utilidades que d'elle resultão , e se diffundirão nos seus vastos Dominios ; utilidades que até se manifestão em propagar , e áugmentar os bons costumes dos Cidadãos ; como já tem demonstrado varios Doutos. E que vantagem não he esta ? Morigerar bem hum Povo ? Dignem-se Senhores , dignem-se Vossas Excellencias de tomar a si a causa da Nação toda , expondo-a (mesmo sem enfeites) na Real Presença. (*)

O respeitavel Magistrado que com tanta sabedoria , e zelo , rege
a

(*) Os Principes de alma grande communicão os reflexos da sua grandeza a todas as instituições dos seus Estádos. Na *Grecia* , chegarão as *Bellas-Artes* ao seu auge , no tempo de *Alexandre*. Em *Roma* , fizerão os seus progressos no tempo de *Augusto*. Em *França* , no de *Luiz XIV*. Em *Italia* , forão os *Medicis* , os que as resuscitarão. ; E que não devem os Portuguezes esperar no feliz Reinado em que ao presente vivem ?

a Policia destes Reinos, tem dado repetidas provas do fervor com que se interessa pelas utilidades do Estado, e pela gloria da Nação: porém hum homem só, ainda que valente, não pode tudo. Hum Atlante daria com a Esphera de aveço, a não juntar-se-lhe hum Alcides; porque a virtude unida augmenta as forças. Dignem-se Vossas Excellencias de prestar as suas, que eu auguro á Patria os progressos do Desenho, com as utilidades que delle emanão.

E vós, amados Collegas, bem sabeis que as nossas Artes tem o poder de immortalizar os Heroes. Quebrai ao voraz Tempo a fouce devoradora. Hoje he o dia outavo daquelle, em que os Portuguezes todos se transportão de júbilo na celebração do faustissimo Nascimento da nossa AUGUSTA SOBERANA. Enchei-vos de fogo, para deixardes á Posteridade as suas venerandas Imagens. Philosophai bem, para exprimirdes nes-
ses

ses sublimes Simulachros, a Magestade junta com a Clemencia; a Politica, unida com a Religião; e em fim, todas as Virtudes na mais perfeita harmonia: para que depois de termos logrado a doçura de seu suavissimo governo por dilatadissimos annos, e aquella AUGUSTA MÃI de seus Póvos, chegue a gozar o premio da Visão beatifica; veção os nossos vindouros nas vossas delineações o justo motivo de invejarem a nossa presente ventura.

Disse.



<http://biblioteca.ciarte.pt>